

O papel de intelectual de Conceição Evaristo e Dionne Brand

Patrícia Ribeiro*

RESUMO

Este estudo analisa o papel de intelectual de Conceição Evaristo e Dionne Brand, visto que o eu poético, em seus versos, apresenta uma visão crítica da contemporaneidade, realizando aquilo que Bell Hooks caracteriza como política do cotidiano. Observa-se que suas poéticas tratam dos afrodescendentes, de problemas sociais, da devastação do planeta, do impacto da mídia na vida das pessoas, além de indicar a necessidade de espaços e condutas mais humanas na sociedade contemporânea. Nessa análise, dialoga-se com Edward Said, Bell Hooks, Gayatri Chakravorty Spivak e outros autores que pensam a respeito do papel do intelectual.

Palavras-chave: Intelectual. Literatura comparada. Poesia.

Os intelectuais, segundo Jean-Paul Sartre (1994), são homens que, mediante a aquisição de notoriedade devido a trabalhos que dependem da inteligência (ciência exata, ciência aplicada, medicina, literatura), utilizam desse status para observar, analisar e criticar a sociedade e os poderes estabelecidos em lugar de assumir uma concepção vaga ou imprecisa da sociedade e dos seres humanos.

O intelectual já foi considerado como alguém que possuía uma condição diferenciada na sociedade. Ele era visto como culturalmente aristocrata, pois, independentemente de sua classe social, ele detinha um saber até então restrito a um conjunto de pessoas, logo, o intelectual possuía destaque no meio social em virtude de seu saber. Contudo, essa visão é extinta quando o intelectual perde a aura de aristocracia cultural devido à democratização da escolarização e do acesso ao ensino superior para uma parcela mais ampla da sociedade e, com isso, qualquer pessoa pode almejar a posição de intelectual.

No esforço de captar, entender e interrogar o maior número de facetas do mundo, o intelectual, como observa Edward Said (2005), assume a tarefa de tentar derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação, desvelando as contradições da sociedade e apontando para o que não é visto com acuidade a fim de instigar as pessoas à reflexão sobre si mesmas e o

* Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF.

mundo ao seu redor. Nesse sentido, endossamos o ponto de vista de Said que concebe o intelectual como:

um indivíduo com um papel público na sociedade, que não pode ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, que só quer cuidar de suas coisas e de seus interesses. A questão central para mim, penso, é o fato de o intelectual ser um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público. (SAID, 2005, p. 25).

Sendo assim, não se trata de um ser egocêntrico preocupado com suas questões, mas é alguém cujo trabalho não está afastado da “política do cotidiano” (HOOKS, 1995, p. 466), visto que, por mais que uma parcela da sociedade possa dizer o contrário, o trabalho do intelectual tem impacto significativo na esfera social porque ele é uma pessoa que “lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo”. (HOOKS, 1995, p. 468).

No que concerne à questão de gênero e o trabalho do intelectual, observamos que dentro de uma sociedade patriarcal, capitalista e com maioria branca, as normas que regem esse contexto social ainda atuam de modo a negar às mulheres a oportunidade de “seguir uma vida da mente”. (HOOKS, 1995, p. 468), tornando o domínio intelectual um espaço quase interdito para elas.

Com relação às mulheres negras, foco de nossa atenção, a história mostra que elas desempenharam papéis de educadoras e mantenedoras das memórias e tradições da família ou grupo social ao qual pertencem, no entanto, são escassos os relatos sobre intelectuais negras, pois, quando se pensa em intelectuais negros, conforme salienta Bell Hooks (1995), é recorrente a evocação de figuras masculinas, tais como Du Bois, Delaney, Garvey e Malcom X, em detrimento da alusão a nomes de mulheres negras intelectuais.

Em oposição a esse contexto, ressaltamos o papel de intelectual de Conceição Evaristo e Dionne Brand, uma vez que a poesia delas mostra-se contrária a consensos sociais pacificadores, avessa a clichês ou a soluções reducionistas. Na poesia de Evaristo e Brand, há uma voz poética com aguçado senso crítico e que, como propõe Said (2005) a respeito da vocação do intelectual, mantém-se em “um estado de alerta constante, de disposição perpétua para não permitir que meias verdades ou ideias preconcebidas norteiem as pessoas”. (SAID, 2005, p. 36).

Além disso, associamos o papel de intelectual de Evaristo e Brand à imagem metafórica do exílio como condição do intelectual, pois, como propõe Said

(2005), o intelectual é alguém que está disposto a evitar ou a ver com contragosto a acomodação e o bem-estar nacional. O intelectual, a partir da metáfora do exílio, é uma pessoa que se sente distante da familiaridade do mundo e da “ladainha dos nativos”, assim, para ele o exílio indica o desassossego, a condição de estar sempre irrequieto e gerar inquietação nos outros. (SAID, 2005, p. 60).

Tendo em vista essas considerações sobre o intelectual, propomo-nos a pensar o campo de intervenção das intelectuais Conceição Evaristo e Dionne Brand cientes de que elas situam-se na contemporaneidade, contexto em que no campo artístico, literário, cultural ou político predomina a lógica do efêmero, o provisório, a flexibilidade de opiniões, o gosto pelo espetacular e a volubilidade das ações. (SOUZA, 2004, p. 108).

No entanto, a par dessas características, é necessário observar com cuidado o mundo contemporâneo que liberou o sujeito de preceitos fixadores de uma única identidade, diluiu ou tornou mais flexível o trânsito entre fronteiras geográficas e culturais e acelerou a troca de informações. O olhar atento para a contemporaneidade é importante, visto que, com esse posicionamento, como sugerem as poéticas de Evaristo e Brand, percebemos com maior precisão o estado das relações humanas e do mundo nesse tempo e espaço.

Sendo a perspectiva de análise comparada adotada neste trabalho, optamos por não traduzir os poemas de Dionne Brand a fim de preservar as particularidades estéticas da poética da autora.

Dialogando com a contemporaneidade, a obra de Brand mostra os desafios apresentados à voz poética pelas tecnologias da mídia, do século XXI, de modo que isso nos impele a repensar a natureza da responsabilidade, da cumplicidade e do pertencimento. (BRYDON, 2007, p. 991).

A esse respeito, notamos que as produções da mídia, como os filmes americanos, são experimentadas pelo corpo da voz poética, como revelam os versos:

the black-and-white american movies
buried themselves in our chests,
glacial, liquidid, acidic as love.
(BRAND, 2006, p. 3).

Somado a isso, os desafios do mundo contemporâneo, como a necessidade de amparar os que se encontram em condição desfavorável, também é uma situação conhecida por meio do corpo da voz poética, como indicam os versos: “there are atomic openings in my chest/to hold the wounded”. (BRAND, 2006, p. 100).

Por outro lado, em outros versos, a relação da voz poética com a mídia exprime-se de maneira conflituosa, uma vez que a tela da televisão aniquila sua intimidade – “the screens lacerate our intimacies/ gathered at the windows” (BRAND, 2006, p. 5) – e invade seu espaço com notícias que, efetivamente, são propagandas para filmes que são verdadeiras matanças, como mostram os versos: “the news was advertisement for movies/ the movies were the real killings”. (BRAND, 2006, p. 22). A apresentação de imagens de violência, às vezes de maneira gratuita, é um recurso utilizado pela mídia, como ocorre com os filmes mencionados nesses versos, para intensificar ou até mesmo, em certa medida, distorcer os fatos a fim de chocar ou chamar a atenção dos espectadores.

Em outros versos de Brand, de maneira semelhante à proposição sobre os filmes, há indicação do modo exagerado (aumentando a proporção dos fatos) ou banal (diminuindo o impacto dos acontecimentos) que as notícias, nos telejornais, jornais impressos ou na internet, apresentam os fatos da esfera política ou social que compõem a história que transcorre aos nossos olhos: “the news is always exaggerated. Cut it half, divide it by four,/ and subtract it from itself”. (BRAND, 2006, p. 77).

Além da manipulação da mídia acerca das notícias, os versos de Brand também indicam que a relação de uma pessoa com a mídia pode desenvolver-se de modo displicente, o que é apontado pelo eu poético, ao indicar que o fato de sentar-se à frente da televisão pode configurar-se como um alheamento do mundo, uma ausência de reflexão ou de senso crítico:

One year she sat at the television weeping,
no reason,
the whole time
(BRAND, 2006, p. 21).

A atuação da mídia, amparada por tecnologias cada vez mais apuradas, proporcionou, entre outros benefícios, a troca rápida de informações, a instantaneidade, uma das características da contemporaneidade. Entretanto, conforme indicam os versos desta poetisa, citados, existe uma distância entre os fatos “do mundo real” e o modo como eles são explorados e transformados em notícias pela mídia, percepção crítica que aponta para o papel de intelectual desenvolvido por Brand.

Além disso, ao analisarmos a poética de Brand, verificamos que o posicionamento dela assemelha-se à proposta que, segundo Silva (2004), vem

sendo desenvolvida por muitos intelectuais, qual seja a de “pôr as coisas em perspectiva”:

Pôr as coisas em perspectiva implica mobilizar criticamente os recursos de interpretação e atribuição de sentido que a história cultural foi inscrevendo na arca de recursos disponíveis para cada geração. Implica situar no tempo, isto é, de um lado relativizar e, de outro, contextualizar o significado e o valor das coisas, referindo-se à sua genealogia e ao seu tempo. (SILVA, 2004, p. 52).

A voz poética na obra de Brand “põe as coisas em perspectiva”, pois apresenta o inventário de nosso tempo, composto por jornais, internet, televisão, filmes e músicas, mas os relativiza, apresentando o impacto nada positivo desses aparatos midiáticos na vida das pessoas. O eu poético faz isso quando aponta para a manipulação de notícias pela mídia, a exposição de violência gratuita, o alheamento do indivíduo diante da televisão, a exposição de notícias de celebridades – “celebrity news, unrealities of faraway islands” (BRAND, 2006, p. 29) –, o luxo e o consumo:

six boys, fast food on their breath
luscious paper bags, the perfume of grilled offal
troughlike cartons of cola,
a gorgon luxury of electronics, backward caps,
bulbous clothing, easy hearts.
(BRAND, 2006, p. 15).

Sendo assim, no que concerne à mídia, notamos que o posicionamento de Brand como intelectual torna-se patente, visto que seus versos incitam os leitores à reflexão e à postura crítica diante das transformações e dos impactos dos sistemas de comunicação no cotidiano das pessoas. Nessa direção, e conforme sugerem os versos de Brand, a atuação dos meios de comunicação necessita ser relativizada para que, com distanciamento crítico, sejam detectados seus pontos positivos e negativos como, por exemplo, a maneira como a mídia age turvando a percepção de pessoas menos perspicazes, conforme assinala Diana Brydon:

Os modos íntimos pelos quais as mídias de representação de todo tipo inundam as experiências contemporâneas do mundo,

confundindo as distinções convencionais de categorias entre dentro e fora, real e virtual, notícias e publicidade [...] (BRYDON, 2007, p. 991)¹.

Além das considerações que dizem respeito à mídia, a voz poética nos versos de Brand também convida os leitores para que eles vejam e sintam, tal como ela, que as atuais devastações ambientais e econômicas são intoleráveis, mas precisam ser registradas porque estão corroendo todos os aspectos de nossa existência (BRYDON, 2007, p. 994).

Com relação à destruição do planeta, o eu poético em Brand exprime-se em primeira pessoa do plural, assim, também se inclui como sendo responsável pela destruição das florestas, mesmo sabendo que há algo de errado com isso, como mostram os versos:

the forests we destroyed,
as far as
the Amazonas' forehead, the Congo's gut,
the trees we peeled of rough butter
full knowing, there's something wrong
with this.
(BRAND, 2006, p. 7).

Além disso, a voz poética assinala que o aniquilamento do planeta também está ocorrendo devido ao crescimento desmedido das cidades – “the earth is corroding already with cities” (BRAND, 2006, p. 40) –, existindo o risco de o continente se reduzir a água e fumaça: “when the planet is ruined, the continent/ forlorn in water and smoke”. (BRAND, 2006, p. 31). Diante da ruína do planeta, apresentada nesses versos, o que a voz poética faz é a elaboração de “seu próprio inventário do tempo de luz e escuridão” (BRAND, 2006, p. 46), mostrando nossa “genealogia tóxica” (BRAND, 2006, p. 17), pois “o mundo devastado é aqui” (BRAND, 2006, p. 47) e essa é a única história que ela tem para contar: “I say this big world is the story, I don't have any other”. (BRAND, 2006, p. 84).

No entanto, nos versos citados, ressaltamos que as imagens da atual condição do mundo em que vivemos não significam a impotência do eu poético diante desse

¹ No original: “The intimate ways in which representational media of all kinds flood contemporary experiences of the world, blurring conventional category distinctions between inside and outside, virtual and real, news and advertising”.

cenário avassalador, uma vez que com olhar crítico, a voz poética problematiza o inventário da contemporaneidade e não exige ninguém da responsabilidade pela devastação do planeta. Embora muitos declarem-se inocentes – “they declare themselves innocent of all events,/those that have happened and those to come” (BRAND, 2006, p. 73) –, a voz poética afirma que “we did all this and more” (BRAND, 2006, p. 7), que nós desejamos o mal uns aos outros e que somos cúmplices na destruição do planeta:

let’s at least admit we mean each other
harm,
we intend to do damage
(BRAND, 2006, p. 42).

Ao apontar para a cumplicidade de todos os seres humanos diante da destruição do planeta e também ao assinalar a inconformidade mediante a passividade das outras pessoas – “everyone grows perversely accustomed,/she [a voz poética] refuses” (BRAND, 2006, p. 29) –, observamos que esses versos remetem ao papel de intelectual de Dionne Brand. O desempenho desse papel ocorre na medida em que a obra poética dela, como exprimem os versos citados, estimula a reflexão, desconcerta o leitor, causando-lhe até mesmo embaraço, pois, conforme destaca Almeida, nos versos da poeta “a humanidade é diretamente convocada para prestar contas da destruição do planeta”. (ALMEIDA, 2009, p. 197).

Além desse convite à humanidade, o eu poético, abstendo-se da resignação, demonstra que apesar de a globalização ser uma força natural e irreversível, existe a convicção de que outros mundos são possíveis. (BRYDON, 2007, p. 994). Contudo, isso não significa que a poesia de Brand forneça quaisquer soluções para os problemas da humanidade, pois o que a poeta faz como intelectual é assumir o compromisso com as ideias e valores que ela deseja propagar para a sociedade, de modo a suscitar a capacidade de reflexão e despertar nas pessoas a tomada de posicionamento, enquanto indivíduos dotados de consciência crítica.

Seguindo por essa via, o eu poético assegura que “we won’t change our way of life for this savagery” (BRAND, 2006, p. 43), então, não podemos aceitar que a densidade da vida se dissipe e que os espaços de convivência e a relação entre as pessoas sejam hostis, destituídos de um aspecto humanitário. Portanto, para reparar o atual estado da relação entre os homens, precisamos recompor o nosso senso de humanidade que se encontra dilacerado, conforme revelam os versos: “these monuments that survive/ everywhere, in essence signs of the most brutal/

among us” (BRAND, 2006, p. 69) e também os versos “we become other humans/boisterous and metallic, fibrous and deserted”. (BRAND, 2006, p. 20). O aspecto humano dilacerado aparece nos versos, por meio da apresentação da rispidez das relações humanas, da redução do humano a aspectos ínfimos e da ameaça à vida do outro:

their love stories never contained us,
their war epics left us bloody
we poor, we weak, we dying”
(BRAND, 2006, p. 5)

“she felt ill, wanted
to murder the six boys, the guards,
the dreamless shipwrecked
(BRAND, 2006, p. 16).

Em paralelo, observamos a dificuldade da manutenção de elos afetivos entre as pessoas na cidade:

nothing, in the city there is no simple love
or simple fidelity, the heart is slippery,
the body convulsive with disguises
abandonments, everything is emptied
(BRAND, 2002, p. 5).

No espaço urbano, apresentado nesses versos, tudo é esvaziado e prolifera o isolamento, visto que não existe nenhum “amor simples” e o coração das pessoas é escorregadio, um indício da efemeridade do contato com o outro ou da ausência de aproximação entre os indivíduos.

Diante dos versos citados, somos conduzidos a pensar em um colapso da humanidade e do mundo em que vivemos, entretanto, ainda que a voz poética não ofereça respostas para nossas indagações, soluções para os aspectos negativos dos meios de comunicação, para a devastação do planeta e para o esfacelamento das relações humanas, aponta para a possibilidade de “o ritmo da história ser medido com outra mão” (BRAND, 2006, p. 11). O ritmo da história pode ser medido pelo olhar do intelectual que é, de acordo com Antonio Pinto Ribeiro (2004), não mais aquele que antecipa a história, prevendo o futuro. O intelectual, na contemporaneidade, como propõe Ribeiro, é aquele que age organizando,

intervindo, criando (RIBEIRO, 2004, p. 75), tal como fazem Brand e Evaristo.

A intervenção de Brand, na esfera social, ocorre ao passo que sua poética exprime um exímio relato de nosso tempo, mas não dissemina o pavor para os leitores, para a sociedade. Pelo contrário, seus versos problematizam muitas questões e também emitem um sopro de vida diante da situação desalentadora do mundo, o que leva o eu poético a declarar que, diante do inventário elaborado por ele, uma pessoa pode se questionar se não existe felicidade: “On reading this someone will say/ God, is there no happiness then”. (BRAND, 2006, p. 89).

Na poética de Brand, o sopro de vida surge com imagens que denotam fragmentos de felicidade em meio à aridez do mundo apresentado nos versos da poeta. A felicidade encontra-se em momentos do cotidiano:

tennis matches and soccer games,
and river song and bird song and
wine naturally and some Sundays
and some highways with the relief of water
and wild flowers at the end
(BRAND, 2006, p. 89).

Entretanto, em outros versos, a felicidade parece um paradoxo, pois ela se apresenta, simultaneamente, como uma maravilha e uma acusação de nosso tempo, ao denotar uma falsa felicidade, um fingimento, um artifício para encobrir os fantasmas que nos assombram: “happiness is not the point really, it’s a marvel,/an accusation in our time”. (BRAND, 2006, p.100). Porém, se adotamos uma perspectiva mais otimista para a leitura de nosso tempo, partilhamos das considerações de Brydon (2007) sobre outro possível significado para a felicidade nesses versos de Brand:

Como uma acusação, então, a felicidade é também em si mesma uma alternativa de esperança, tanto uma parte necessária do inventário como uma encarnação do desejo insaciável de outro modo de imaginação. (BRYDON, 2007, p. 996).²

Essa aspiração por outra forma de imaginar o mundo exprime-se com a assertiva de que “the devil can’t come between us” (BRAND, 2002, p. 9) e também com

² No original: “As an accusation, then, happiness is also in itself a hopeful alternative, both a necessary part of the inventory and an embodiment of unquenchable desire for another mode of envisioning”.

a diluição da oposição nós e os outros, o que ocorre quando a voz poética, em primeira pessoa do plural, declara: “so hard now to separate what was them/ from what we were” (BRAND, 2006, p. 8) e também afirma

there is no ‘we’
let us separate ourselves now,
though perhaps we can’t still and again
too late for that,
nothing but to continue
(BRAND, 2006, p. 42).

Conforme indicam esses versos, o eu poético sugere a cumplicidade entre as pessoas, nesse caso, também os leitores que, como observa Brydon (2007), também são responsáveis pelo destino da humanidade e do planeta que ocupam.

Mediante essas considerações, verificamos que Brand também exerce seu papel de intelectual ao exprimir, em seus versos, a dissolução da oposição nós e eles, ressaltando a necessidade da reestruturação das relações entre os seres humanos e entre estes e o mundo em que habitam, pois é de fundamental importância que exista maior compreensão entre as pessoas e espaços mais propícios à convivência com menor (ou sem) devastação ambiental e também livre de grandes problemas socioeconômicos.

Conforme observamos em sua poesia, Brand, como intelectual, situa as relações interpessoais em uma esfera mais ampla, pois todos têm sua parcela de responsabilidade perante as outras pessoas e o espaço em que vivem, por isso endossamos a assertiva de Brydon (2007, p. 1002), quando ela afirma que Dionne Brand “redefine comunidade como laços que aninham as identidades dentro de estruturas amplas de envolvimento”.³

Seguindo por essa via, a poética de Brand também situa a identidade em um contexto mais amplo, indicando o distanciamento do caráter que outrora fixava as noções de identidade, cidadania e pertencimento a um único lugar, a uma origem antes irrefutável. A esse respeito, vejamos os versos:

she from Uganda
via Kenya running from arranged marriages, he from Sri
Lanka via Colombo English-style boarding school to make him

3 No original: “[Dionne Brand] redefines community as bonds that nest identities within larger structures of involvement”.

the minister of the interior, me hunting for slave castles with a pencil for explosives, what did we know that our pan-colonial flights would end up among people who asked stupid questions like, where are you from... and now here we are on their road, in their snow, faced with their childishness.
(BRAND, 1997, p. 75).

Esses versos indicam o deslocamento de uma mulher e um homem. Ela saiu de Uganda, fugindo de casamentos combinados e ele deixou o Sri Lanka para adquirir, em um internato inglês, a formação necessária para mais tarde tornar-se ministro. Em comum, esse homem e essa mulher têm o fato de terem encontrado, em seu caminho, pessoas que fazem perguntas estúpidas, como revelam os versos:

what did we know that our pan-colonial flights would end up among people who asked stupid questions like, where are you from.
(BRAND, 1997, p. 75).

Essas indagações sugerem a questão do pertencimento, da origem e também a forma de olhar para o outro, nesse caso, a mulher e o homem descritos nos versos, como se eles não pertencessem a um determinado lugar, que não constituiria *home* para eles.

Entretanto, se pensarmos que o pertencimento a um lugar envolve a vontade, a responsabilidade e a capacidade de escolha do indivíduo, verificamos que esses versos problematizam a origem a partir da nacionalidade. Contudo, como sugere a poética de Brand, questionar a origem de uma pessoa é um ato quase banal, pois independentemente do local que é sua terra natal, uma pessoa pode transferir sua noção de *home* e de identidade para outro lugar e também pode situá-las em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Sendo assim, consideramos que Brand também desempenha seu papel de intelectual, ao assinalar múltiplas possibilidades para o homem agir e situar-se no mundo. Seus poemas mostram que o ser humano reelabora, constantemente, sua identidade e sua noção de *home*, em oposição ao pensamento que, como faz a pergunta “where are you from”, nos versos citados, associa o posicionamento identitário e o conceito de *home* a uma filiação que pressupõe a origem, o lugar de nascimento do indivíduo. Por essas razões, notamos que a negociação entre as noções de *home* e de identidade, elaboradas na poética de Brand, aproximam-se do

que é proposto por Boyce Davies:

[...] a reescrita de *home* torna-se uma conexão crítica na articulação da identidade. É um jogo de resistência à dominação que identifica de onde vimos, mas também localiza *home* em suas muitas experiências transgressoras e disjuntivas. (DAVIES, 1994, p. 115).⁴

Conforme Davies (1994), a reescrita de *home* está em paralelo à articulação da identidade que, tal como exprime a poesia de Brand, opõe-se à origem incontestável, à ideia de um único lugar de pertencimento e à noção de uma identidade fixa para o sujeito, pois, segundo Davies (1994), a identidade e *home* estão atreladas a experiências disjuntivas e transgressoras. Nesse sentido, como observa Almeida (s/d, p.2)⁵ a respeito dos textos literários que tratam de questões referentes ao espaço de enunciação ou da negação desse espaço através de conceitos como “entre-lugares”, a poética de Brand permite-nos “ponderar como a experiência da mobilidade, do devir em trânsito pode ser pensada como uma experiência intelectual, de uma ética que é permanentemente questionada pela relativização cultural e pelo estar com o outro”.

Em paralelo ao papel de Brand como intelectual, vejamos também como Conceição Evaristo desempenha esse papel. De início, verificamos que Evaristo, por sua experiência enquanto mulher negra na sociedade brasileira, interfere como intelectual na “política do cotidiano” (HOOKS, 1995, p. 466), pois sob a perspectiva de uma afrodescendente ela contribui para a revisão, reescrita e complemento de discursos literários e relatos históricos que veiculam uma imagem estereotipada dos negros e principalmente das mulheres negras.

Sobre a presença das mulheres negras na literatura brasileira, uma pesquisa de Regina Dalcastagnè (2011)⁶, elaborada com a análise de romances das principais editoras do Brasil, revela que 80% das personagens são brancas, proporção que,

4 No original: “[...] the rewriting of home becomes a critical link in the articulation of identity. It is a play of resistance to domination which identifies where we come from, but also locates home in its many transgressive and disjunctive experiences”.

5 ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Os percursos diaspóricos de Dionne Brand. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 30 jul. 2014.

6 A pesquisa de Dalcastagnè (2011) desenvolveu-se a partir de um corpus de 258 romances referentes às primeiras edições de romances de autores brasileiros publicadas entre 1990 e 2004. Além disso, a autora também recorreu ao corpus de 130 romances de autores brasileiros publicados, em primeira edição, entre 1965 e 1979 pela Civilização Brasileira e José Olympio, editoras de grande importância para o campo dos estudos literários naquela época.

conforme a autora, torna-se ainda maior se são considerados apenas personagens protagonistas ou narradores. No que concerne às mulheres negras, segundo este mapeamento, observa-se que no conjunto dos 258 romances, publicados no período de 1990 a 2004, existem 83 mulheres brancas como protagonistas em oposição a 3 mulheres negras. Com relação aos narradores, Dalcastagnè verificou existirem 52 mulheres brancas como narradoras e apenas uma mulher negra. (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 315).

Mediante esses dados, constata-se que a presença quase inexpressiva das mulheres negras na literatura brasileira é um indício, como observa Conceição Evaristo (2009), do desejo da sociedade de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e de seus descendentes na formação nacional.

Quando a mulher negra aparece na literatura brasileira ou nos relatos históricos predomina, na sua representação, uma imagem delineada por uma mentalidade patriarcal e escravocrata, segundo a qual a mulher negra era força de trabalho e objeto sexual. Assim, foi recorrente na literatura e na história brasileira a supressão de imagens maternas para as mulheres negras e também de imagens dessas mulheres como um “corpo-sujeito”, um “corpo-vivido”. (GOMES, 2006, p. 260).

Com relação ao apagamento da maternidade para a mulher negra, observamos que na literatura brasileira é frequente a representação de seu corpo, tendo como base discursos patriarcais e de perspectiva masculina que associam esse corpo à sensualidade e ao prazer, sendo também, como assinala Eduardo Assis Duarte (2009), um corpo infértil, o que implica o questionamento da ideia de afrodescendência.

Entretanto, em oposição a essa conjuntura, a poética de Evaristo insere, no meio literário brasileiro, imagens de mulheres negras desempenhando a função materna, pois a “flor petrificada” no seu “íntimo solo” (EVARISTO, 2008, p. 20) não sucumbe, mesmo em contextos adversos para a maternidade dessas mulheres como era a sociedade escravocrata. Na obra de Evaristo, verificamos imagens maternas atuais das mulheres negras como, por exemplo, nos poemas “Vozes-mulheres” (EVARISTO, 2008, p. 10), “Para a menina” (EVARISTO, 2008, p. 25), “De mãe” (EVARISTO, 2008, p. 32) e “Eu-mulher” (EVARISTO, 2008, p. 18).

Por outro lado, contrastando com a exploração do estereótipo de sensualidade do corpo feminino negro, a poética de Evaristo expõe imagens de um corpo que impõe a sua presença, que não se submete ao aniquilamento identitário ou às vontades masculinas, pois esse corpo é senhor de seus desejos e vontades, como ocorre nos poemas “Fêmea-fênix” (EVARISTO, 2008, p. 30) e “Frutífera” (EVARISTO, 2008, p. 66), cujos versos exprimem a liberdade feminina:

De meu corpo
ofereço as minhas frutescências,
casca, polpa, semente.
e vazada de mim mesma
com a desmesurada gula
apalpo-me em oferta
a fruta que sou
(EVARISTO, 2008, p. 66).

Nesses versos, percebemos a liberdade de um corpo que expressa seus desejos e se entrega, espontaneamente, a quem para ele convém, afastando-se de uma perspectiva masculina e patriarcal que, nos percursos da literatura e história, associou o corpo feminino a apenas uma fonte de prazer submetida às suas vontades.

Essa apresentação das mulheres negras, na poesia de Evaristo, conduz-nos a pensar no papel de intelectual da poeta, visto que seus versos permitem-nos questionar a condição dos negros no imaginário nacional e na literatura brasileira. Com seus versos, Evaristo elabora imagens de mulheres negras que são mães, mantenedoras da memória e das tradições do grupo ao qual pertencem. E também são mulheres negras que possuem um corpo vívido, o que leva os leitores a revisarem as imagens dessas mulheres no seu imaginário, as suas representações na literatura brasileira e os estereótipos que, ainda hoje, existem em relação aos negros no meio social e na mídia (na televisão, cinema, propaganda).

A poesia de Evaristo também exprime a afirmação identitária individual ou coletiva para os afrodescendentes, em contraposição aos estereótipos associados a eles, na literatura e na sociedade devido a resquícios, no presente, do passado escravocrata da sociedade brasileira que ainda contribuiu para o apagamento do negro como “antepassado mítico da nação”. (EVARISTO, 2009, p. 21). A afirmação de uma identidade coletiva para os afrodescendentes realiza-se em “Os bravos e serenos herdarão a terra”:

No cotidiano busco a plêiade
tenaz da esperança
e plenificada de crença e gozo
encontro outras laboriosas mãos
revolvendo a terra
e retomando as sementes
dos falsos donos da gleba

Do cotidiano só rimos

Sorrimos o nosso sapiente riso
com os nossos dentes
abrilhantados de fome e força,
porque, aqueles que todos pensavam
mansos, bravios se tornaram
e então, seremos nós,
bravos e serenos,
que herdaremos a terra
(EVARISTO, 2008, p. 42).

Os versos iniciais apontam para o problema social do acesso a terra. No Brasil, mesmo após a abolição, em 1888, os ex-escravos encontraram dificuldades para ascender socialmente, já que muitos deles não conseguiram assumir postos de trabalho ou aqueles que os tinham não eram remunerados dignamente, impossibilitando a aquisição de um pedaço de terra para seu sustento e moradia. Contudo, em contraste com essa situação do passado histórico, esses versos expõem a tomada de posse das terras pelos afrodescendentes, por meio da “união de mãos laboriosas” que recuperam as sementes dos “falsos donos da gleba”, uma referência aos proprietários de terras no período colonial brasileiro.

Na segunda estrofe, verificamos a presença do riso apesar das condições adversas. No verso “Do cotidiano só rimos” existe um jogo sonoro derivado da aproximação da partícula “só” ao verbo “rimos”, uma vez que a fusão dessas duas palavras antecipa o início do conjunto de versos posteriores:

Sorrimos o nosso sapiente riso
com os nossos dentes
abrilhantados de fome e força.
(EVARISTO, 2008, p. 42).

Esse riso sapiente possui um brilho que reflete a fome e a força, a qual remete à atitude de resistência dos afrodescendentes.

Esses versos de Evaristo fazem um contraponto ao estereótipo do negro infantilizado, serviçal, subalterno (PROENÇA FILHO, 2010, p. 47) e animalizado, aspecto que se expressa nos versos citados com a aproximação dos homens negros ao adjetivo “mansos”, característica atribuída aos animais, mas que no passado já foi associada aos seres humanos na tentativa de justificar a vigência do regime escravocrata. Nos versos da poeta, a ação coletiva dos afrodescendentes para tomar a posse da terra demonstra a força deles, visto que eles abandonam a condição

estereotipada de “mansos” e mostram-se bravios:

aqueles que todos pensavam
mansos, bravios se tornaram
e então, seremos nós,
bravos e serenos,
que herdaremos a terra
(EVARISTO, 2008, p. 42).

Sendo assim, a identidade coletiva para os afrodescendentes constrói-se, nesses versos, através da união e da atitude de resistência para atingir um objetivo em comum.

A elaboração de uma identidade coletiva para os afrodescendentes também perpassa a valorização de suas crenças em relação ao sagrado, tal como ocorre em “Meu rosário” (EVARISTO, 2008, p. 16) que expõe o sincretismo religioso característico da formação sociocultural brasileira:

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo
padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques
do meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
(EVARISTO, 2008, p. 16).

O sincretismo religioso exprime-se nesses versos, pois o eu poético declara que seu rosário é feito de contas negras, nas quais ele canta Oxum e reza padres-nossos e ave-marias, o que indica a coexistência de referenciais culturais de origem europeia (padres-nossos, ave-marias) e africana (Oxum e os batuques). Nesses versos, a exposição de elementos culturais de origem africana indica sua valorização em oposição às ações que, no passado escravocrata, tentaram apagar esse conjunto cultural com a imposição do catolicismo aos escravos que bem souberam driblar essa prática, deixando seu legado na composição sociocultural do Brasil. A respeito da herança africana no Brasil, Evaristo comenta:

Produtos culturais como a música, a dança, o jogo de capoeira,
a culinária e certos modos de vivência religiosa são apontados

como aspectos peculiares da nação brasileira, distinguindo certa africanidade reinventada no Brasil. Cabe ainda observar que, no campo religioso, as heranças africanas se acham presentes, tanto na fé celebrativa de uma teogonia e de uma cosmogonia negro-africanas, quanto no Candomblé e também nas formas religiosas travestidas de um sincretismo como na Umbanda em que as divindades africanas, aparentemente encobertas pelas imagens cristãs, se atualizam como memórias não apagadas de uma fé ancestral. (EVARISTO, 2009, p. 18-19).

Como apontam os versos de “Meu rosário” e as considerações de Evaristo (2009), o sincretismo religioso é um aspecto inerente à constituição da sociedade brasileira de modo que a contribuição dos africanos e de seus descendentes para sua formação é irrefutável.

Além de apontar para a fixação de uma identidade individual ou coletiva para os afrodescendentes, Evaristo também expõe, em seus versos, alguns problemas sociais contemporâneos, o que reforça seu papel de intelectual. Em “Favela”, a poeta assinala as dificuldades presentes nesse espaço:

Barracos
montam sentinela
na noite.
Balas de sangue
derretem corpos
no ar.
Becos bêbados
sinuosos labirínticos
velam o tempo escasso
de viver.
(EVARISTO, 2008, p. 43).

Nesses versos, os barracos – habitações simples e improvisadas, construídas geralmente na encosta dos morros – são personificados e transformam-se em sentinelas que zelam por seus moradores para que eles não sejam atingidos pelas “balas de sangue” que “derretem corpos no ar”. (EVARISTO, 2008, p. 43).

Os becos “bêbados, sinuosos labirínticos” revelam a configuração espacial da favela e também são personificados, pois, como observa Cecy Barbosa Campos, as ruas tortuosas e estreitas da favela são comparadas a “bêbados cambaleantes que não conseguem seguir em linha reta”. (CAMPOS, 2010, p. 275). Os becos bêbados velam pelo “tempo escasso de viver” nesse local ameaçado pela violência urbana, a qual faz

com que uma voz com dicção coletiva, em outro poema de Evaristo, clame pela vida:

E pedimos
que balas perdidas
percam o rumo
e não façam do corpo nosso,
os nossos filhos, o alvo
(EVARISTO, 2008, p. 48).

A referência aos problemas sociais da contemporaneidade também se encontra em “Da menina, a pipa” e “Do menino, a bola”, poemas nos quais, em consonância com Campos (2010), verificamos que Evaristo revela a situação de “meninos e meninas que passam o dia nas ruas e são alvo da exploração, violência e omissão de indivíduos que não parecem seres humanos [...]”. (CAMPOS, 2010, p. 280).

Em “Da menina, a pipa” expõe-se o problema da exploração sexual de crianças e adolescentes com a violação de seus corpos. A menina de “pele, macia seda, brincava/ no céu descoberto da rua” (EVARISTO, 2008, p. 36) e foi atingida por “um barbante áspero,/ másculo cerol, cruel” que “rompeu a tênue linha/ da pipa-borboleta da menina”. (EVARISTO, 2008, p. 36).

Nesses versos, a imbricação do universo infantil com a desconcertante situação do abuso sexual surge com a contraposição dos brinquedos, pipa e bola, à imagem do cerol que rompe o corpo da menina. Além disso, como propõem Duarte e Lopes (2014), os signos da pipa e da borboleta remetem não apenas à inocência e leveza femininas, mas também indicam que ao invés do desabrochar natural, essas características femininas são submetidas ao másculo e áspero cerol. E após a violação de seu corpo, resta à menina o desamparo e a dor de um aborto:

E depois, sempre dilacerada,
a menina expulsou de si
uma boneca ensanguentada
que afundou num banheiro
público qualquer
(EVARISTO, 2008, p. 36).

A infância relegada a condições adversas, nas ruas, também é abordada em “Do menino, a bola” cujos versos mostram a imagem de um menino que, distraído, brinca na rua e corre atrás de sua bola, sem perceber que o automóvel, assim como o homem

atrás do volante, “range sua raiva”. (EVARISTO, 2008, p. 37). O automóvel choca-se com a criança, reduzida a um “corpo-menino” que, abandonado e sem vida, jaz no asfalto, conforme revelam os versos:

O corpo-menino
sacode a morte
Inútil
A letargia dorme
no asfalto
(EVARISTO, 2008, p. 37).

Com a análise de seus versos, notamos que Evaristo, no desempenho de seu papel de intelectual, remete à condição dos negros na sociedade brasileira e também, como sugerem Duarte e Lopes (2014), revela em sua poética a “tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades”⁷. Além disso, em consonância com Duarte e Lopes (2014), consideramos que o papel de Evaristo como intelectual também se realiza ao passo que

a mesclagem de violência e sentimento, de realismo cru e ternura, além de impactar o leitor, revela o compromisso e a identificação da intelectual afrodescendente para com aqueles irmãos colocados à margem do desenvolvimento. (DUARTE; LOPES, 2014).

Sendo assim, conforme mostramos neste percurso, Evaristo e Brand interferem como intelectuais, na contemporaneidade, visto que a poesia delas, seja no que diz respeito aos problemas sociais, econômicos e ambientais, à mulher negra, à identidade dos afrodescendentes e à mídia, instiga os leitores a (re)pensarem sua história e sua inscrição no presente.

Considerações finais

7 Essa tensão do cotidiano dos que estão submetidos a distintas formas de violência, velada ou explícita, exprime-se, em diferentes medidas, na poética, nos romances e nos contos de Conceição Evaristo. Os contos da autora encontram-se na antologia “Insubmissas lágrimas de mulheres” (2011) e também, segundo informa Omar da Silva Lima, no artigo intitulado “Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente”, nos *Cadernos Negros* de números 14, 16, 18, 22, 26, 28 e 30. Esse artigo está disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafr>. Acesso em: 05 ago 2014.

A partir da leitura das poéticas de Conceição Evaristo e Dionne Brand verificamos o papel das mulheres poetas intelectuais que interferem na compreensão da sociedade contemporânea. No caso de Brand, isso ocorre com a elaboração de um contundente inventário de nosso tempo, o qual abarca avanços tecnológicos, instantaneidade na troca de informações, a flexibilidade das fronteiras e o constante trânsito de mercadorias e pessoas. Além disso, em paralelo a esses aspectos, o inventário de Brand mostra a interferência da mídia na vida das pessoas, a devastação do planeta, a necessidade de espaços e condutas mais humanas.

Por outro lado, em seus versos, Evaristo apresenta imagens das mulheres negras e dos afrodescendentes, que se contrapõem aos estereótipos associados a eles no discurso literário e histórico, construindo ou reelaborando para eles uma identidade individual ou coletiva, além de também apresentar alguns dos problemas que afligem a sociedade brasileira contemporânea.

Portanto, verificamos que Evaristo e Brand desenvolvem com destreza a tarefa que Gayatri Spivak (2010) delega à mulher intelectual, qual seja a de não acreditar que devam falar pelo outro e por ele elaborar um discurso de resistência, mas como observa Almeida, realizar a tarefa de “criar espaços e condições de autorrepresentação e de questionar os limites representacionais, bem como seu próprio lugar de enunciação e sua cumplicidade no trabalho intelectual”. (ALMEIDA, 2010, p. 15). E mesmo que as mulheres intelectuais, como são Conceição Evaristo e Dionne Brand, deparem-se em seu caminho com “pedra, pau, espinho e grade” (EVARISTO, 2008, p. 41) e com um “inventário de luz e escuridão” (BRAND, 2006, p. 46), seus pensamentos e ideais prevalecem porque eles são os “motivos da viagem”. (EVARISTO, 2008, p. 41).

Abstract

This study analyzes the role of intellectuals Conceição Evaristo and Dionne Brand, as the poetic self, in their verses, presents a critical view of contemporaneity, performing the everyday life politics by Bell Hooks. It is observed that his poetics approach afrodescendants, social problems, the devastation of the planet, the impact of the media on people's lives, as well as indicating the need for more space and more humane behavior in contemporary society. This analysis dialogues with Edward Said, Bell Hooks, Gayatri Chakravorty Spivak and other authors who think about the role of the intellectual.

Keywords: Intellectual. Comparative Literature. Poetry.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Os inventários da cidade global de Dionne Brand. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; DINIZ, Dilma Castelo Branco; SANTOS, José dos (Orgs.). **Migrações teóricas, interlocuções culturais**: Estudos Comparados (Brasil/Canadá). Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **Os percursos diaspóricos de Dionne Brand**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 30 jul. 2014.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio – Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

BRAND, Dionne. **Inventory**. Toronto: McClelland & Stewart, 2006.

BRAND, Dionne. **Land to light on**. Toronto: McClelland & Stewart, 1997.

BRAND, Dionne. **Thirsty**. Toronto: McClelland & Stewart, 2002.

BRYDON, Diana. Dionne Brand's Global Intimacies: practising affective citizenship. In: **University Toronto Quarterly**, v.76, n.3, summer 2007.

CAMPOS, Cecy Barbosa. A poética de Conceição Evaristo. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem negra na literatura brasileira contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica, v.4, p.309-337. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DAVIES, Carole Boyce. **Black women, writing and identity**: Migrations of the Subject. London: Routledge, 1994.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: **Scripta**, v.13, n.25, p.63-78. Belo Horizonte: Ed PUC Minas, 2009.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. **Conceição Evaristo**: literatura e identidade. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafo>. Acesso em: 05 ago. 2014.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.

In: **Scripta**, v.13, n.25, p.63-78. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOOKS, Bell. **Intelectuais Negras**. Trad. Marcos Santarrita. In: **Estudos feministas**, ano 3, n.2, p.464-478, 1995. Disponível em: <www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/.../10112009-123904hooks.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2014.

LIMA, Omar da Silva. **Conceição Evaristo**: escritora negra comprometida etnograficamente. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafrro>>. Acesso em: 05 ago. 2014.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

RIBEIRO, Antonio Pinto. Os herdeiros. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as conferências Reith de 1993. Trad. Miltom Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Augusto Santos. Podemos dispensar os intelectuais? In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. O fim das ilusões. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.). **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.